Livros para Conhecer o Brasil

2ª Edição

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES



Ministro de Estado Embaixador Celso Amorim

Secretário-Geral Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO



Presidente Embaixador Jeronimo Moscardo

Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais
Diretor Embaixador Carlos Henrique Cardim

A *Fundação Alexandre de Gusmão*, instituída em 1971, é uma fundação pública vinculada ao Ministério das Relações Exteriores e tem a finalidade de levar à sociedade civil informações sobre a realidade internacional e sobre aspectos da pauta diplomática brasileira. Sua missão é promover a sensibilização da opinião pública nacional para os temas de relações internacionais e para a política externa brasileira.

Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo, Sala 1
70170-900 Brasília, DF
Telefones: (61) 3411 6033/6034/6847
Fax: (61) 3411 9125
Site: www.funag.gov.br

Livros para Conhecer o Brasil

2ª Edição

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

Brasília, 2008

Copyright ©, Fundação Alexandre de Gusmão

Crédito da capa:
"Duarte Coelho traz os Primeiros Cavalos"
Juca (Ovídio de Andrade Melo)
46 x 35 cm
Museu Internacional de Arte Naïf do Brasil
acrílica sobre tela e cartão - Brasil, 1990

Equipe técnica:
Eliane Miranda Paiva
Maria Marta Cezar Lopes
Cíntia Rejane Sousa Araújo Gonçalves

Projeto gráfico e diagramação:
Cláudia Capella e Paulo Pedersolli

Impresso no Brasil 2008

Livros para Conhecer o Brasil.
2. ed. - Brasília : IPRI : FUNAG, 2008.
p.68

ISBN 978-85-7631-143-0

1. História do Brasil. 2. Brasil - História.

CDU 94(81)

Direitos de publicação reservados à

Fundação Alexandre de Gusmão
Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo
70170-900 Brasília – DF
Telefones: (61) 3411 6033/6034/6847/6028
Fax: (61) 3411 9125
Site: www.funag.gov.br
E-mail: funag@mre.gov.br

Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional conforme Lei nº 10.994, de 14.12.2004.

Sumário

Apresentação 13

1 - História do Brasil 1500 - 1627
Frei Vicente do Salvador 15

2 - Cultura e Opulência do Brasil
André João Antonil 16

3 - História Geral do Brasil
Francisco Adolfo de Varnhagen 17

4 - História do Brasil
Heinrich Handelmann 18

5 - A Ilusão Americana
Eduardo Prado 19

6 - Um Estadista do Império
Joaquim Nabuco 20

7 - Os Sertões
Euclides da Cunha 21

8 - A América Latina. Males de origem
Manoel Bonfim 22

9 - O Brasil Nação: Realidade da Soberania Brasileira
Manoel Bonfim 23

10 - Capítulos de História Colonial (1500 –1800)
Capistrano de Abreu 24

11 - A Organização Nacional
Alberto Torres 25

12 - Populações Meridionais do Brasil
Oliveira Viana 26

13 - O Ocaso do Império
Oliveira Viana 27

14 - Casa – Grande & Senzala
Gilberto Freyre 28

15 - Raízes do Brasil
Sérgio Buarque de Holanda 29

16 - História Econômica do Brasil 1500-1820
Roberto Simonsen 30

17 - Formação do Brasil Contemporâneo – Colônia
Caio Prado Jr. 31

18 - Antologia do Folclore Brasileiro
Luís da Câmara Cascudo 32

19 - A Cultura Brasileira – Introdução ao estudo da cultura no Brasil
Fernando de Azevedo 33

20 - Rio Branco (O Barão do Rio Branco) biografia pessoal e história política
Álvaro Lins 34

21 - Geografia da Fome – o dilema brasileiro: pão ou aço
Josué de Castro 35

22 - Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos
Antônio Cândido 36

23 - Os Parceiros do Rio Bonito – estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida
Antônio Cândido 37

24 - Coronelismo, Enxada e Voto: O município e o regime representativo no Brasil
Victor Nunes Leal 38

25 - Bandeirantes e Pioneiros – Paralelo entre duas culturas
Vianna Moog 39

26 - Tristes Trópicos
Claude Lévi-Strauss 40

27 - Os Holandeses no Brasil 1624-1654
Charles Ralph Boxer 41

28 - A Idade de Ouro no Brasil: Dores do crescimento de uma sociedade colonial
Charles Ralph Boxer 42

29 - Os Donos do Poder - formação do patronato político brasileiro
Raymundo Faoro 43

30 - Introdução ao Cinema Brasileiro
Alex Viany 44

31 - Formação Econômica do Brasil
Celso Furtado 45

32 - A Amazônia e a Cobiça Internacional
Artur César Ferreira Reis 46

33 - Da Substituição de Importações ao Capitalismo Financeiro – ensaios sobre economia brasileira
Maria da Conceição Tavares 47

34 - Quatro Séculos de Latifúndio
Alberto Passos Guimarães 48

35 - A Integração do Negro na Sociedade de Classes
Florestan Fernandes 49

36 - História do Positivismo no Brasil
Ivan Lins 50

37 - Geopolítica do Brasil
Golbery do Couto e Silva 51

38 - Brasil de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930- 1964)
Thomas E. Skidmore 52

39 - Brasil: de Castelo a Tancredo 1964 -1985
Thomas Skidmore 53

40 - Pedagogia do Oprimido
Paulo Freire 54

41 - Dependência e Desenvolvimento na América Latina – ensaio de interpretação sociológica
Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto 55

42 - Cinema: Trajetória no Subdesenvolvimento
Paulo Emílio Sales Gomes 56

43 - Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)
Carlos Guilherme Mota 57

44 - Desenvolvimento Político
Hélio Jaguaribe 58

45 - O Escravismo Colonial
Jacob Gorender 59

46 - Combate nas Trevas. A Esquerda Brasileira: das ilusões à luta armada
Jacob Gorender 60

47 - Carnavais, Malandros e Heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro
Roberto DaMatta 61

48 - Quinze Anos de Política Econômica
Carlos Lessa 62

49 - O Negócio do Brasil - Portugal, os Países Baixos e o Nordeste 1641-1669
Evaldo Cabral de Mello 63

50 - O Povo Brasileiro – a formação e o sentido do Brasil
Darcy Ribeiro 64

51 - A Construção da Ordem - a elite política imperial
Teatro de sombras - a política imperial
José Murilo de Carvalho 65

52 - O ex-Leviatã brasileiro: do voto disperso ao clientelismo concentrado
Wanderley Guilherme dos Santos 66

Apresentação

Apresentação

Capistrano de Abreu dizia que para se ter uma inteligente visão geral do Brasil era necessário primeiro ler uma série de "monografias conscienciosas". Portanto, uma inteligente visão geral, por mais individual que seja, é sempre um resultado do esforço coletivo de busca de uma compreensão da unidade do País na diversidade dos processos político, social, econômico e cultural, em suas diferentes análises e interpretações. Sem pretensão de definir o cânone dos estudos sobre o Brasil, a Fundação Alexandre de Gusmão recomenda com a presente publicação algumas das obras mais relevantes da extensa relação desses estudos. Esta nova versão do volume *Livros para Conhecer o Brasil*, publicado em 2006, agora reformulado e ampliado, traz, além das informações sobre as obras selecionadas, também as notas biográficas dos seus autores, porque as biografias também são fonte imprescindível para quem quer conhecer a história e a identidade de um país.

1 - História do Brasil 1500-1627

Frei Vicente do Salvador (1564-1639)
1ª Edição: 1627 / Edição atual: Ed. Itatiaia, 1982



Ilustração Sérgio Toledo e Klaus Novais

Vicente Rodrigues Palha, conhecido como Frei Vicente, nasceu em Matuim, Bahia. Estudou com os jesuítas no seu colégio de São Salvador, e depois em Coimbra, em cuja Universidade doutorou-se em Direito e Teologia. Voltando à Bahia em 1587, ordenou-se sacerdote, foi cônego, vigário-geral e Governador do bispado. Aos trinta e cinco anos fez-se frade, vestindo o hábito de São Francisco e trocando o nome pelo de Frei Vicente de Salvador. Missionou na Paraíba, residiu em Pernambuco, e dirigiu a Fundação do convento de Santo Antônio no Rio de Janeiro. Lecionou Filosofia em Olinda, onde foi custódio da ordem. Foi também pregador e guardião da ordem da Bahia. Em 1618 viajou a Europa, retornando ao Brasil em 1621. A sua *História do Brasil*, concluída em dezembro de 1627, ficou inédita até 1886. Os originais da sua *Crônica da Custódia do Brasil (1584-1618)* se perderam.

"A primeira História do Brasil escrita por um brasileiro, Frei Vicente do Salvador, nascido na Bahia, data do início do século XVII, mas só foi publicada em fins do século XIX. (...) Que motivos fizeram o livro de Frei Vicente do Salvador esperar tanto tempo para ser publicado? As pesquisas e a leitura da obra, principalmente, mostram que pesaram não só o fato de o autor ser brasileiro, como também porque narrava a história de sua terra do ponto de vista inteiramente brasileiro, com inúmeras críticas à metrópole portuguesa e à sua administração".

2 - Cultura e Opulência do Brasil

André João Antonil (1649-1716)
1ª Edição: 1711 / Edição Atual: 3ª, Ed. Itatiaia/Edusp, 1982

João Antônio ou Giovanni Antonio Andreoni, que adotou o nome André João Antonil, foi um jesuíta italiano. Entrou na Companhia de Jesus aos dezoito anos, em Roma, formou-se em Direito Civil pela Universidade de Perúgia e, em 1681 veio ao Brasil, onde foi reitor de colégio e provincial de Salvador. Apesar da sua amizade com Pe. Antônio Vieira, tinha opinhões divergentes sobre a escravização dos indígenas, os judeus e cristãos-novos (traduziu uma obra anti-semita italiana), e foi contrário ao favorecimento dos membros portugueses da Companhia de Jesus. Embora publicada com todas as licenças, a sua obra *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas, com várias notícias curiosas do modo de fazer o açúcar, plantar e beneficiar o tabaco; tirar ouro das minas, e descobrir as de prata; e dos grandes emolumentos que esta conquista da América meridional dá ao reino de Portugal com estes e outros gêneros e contratos reais*, foi confiscada por ordem do rei, por ter sido considerada prejudicial aos interesses do Estado, devido a sua minuciosa descrição das riquezas do Brasil.

"A obra de André João Antonil, aliás, João Antonio Andreoni, foi publicada pela primeira vez em Lisboa, no ano de 1711. Vedada sua circulação pelo governo d´El-Rei D. João V, tornou-se raríssima, até ser impressa novamente, em 1837, no Rio de Janeiro. É sem dúvida o mais completo depoimento que se conhece sobre a vida econômica do Brasil no tempo colonial e, por isso indispensável aos historiadores. (...) Conquanto escrito e publicado no século XVIII, as condições que descreve aplicam-se quase geralmente à era seiscentista, sobretudo onde se refere à lavoura de açúcar e tabaco e à criação". (Alice Canabrava e Rubens Borba de Morais) que se rematam nesta conquista".

3 - História Geral do Brasil

Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878)
1ª Edição: 1854 / Edição atual: Melhoramentos, 1975



Filho de engenheiro militar alemão ao serviço do governo português no Brasil, aos oito anos foi a Portugal onde iniciou a sua formação no Real Colégio Militar, em Lisboa. Lutou como voluntário nas tropas de D. Pedro I, em defesa da restauração constitucional do reino. Formado engenheiro militar e já membro da Academia de Ciências de Lisboa, retornou ao Brasil em 1840. Em 1844 obteve a nacionalidade brasileira e foi admitido na carreira diplomática. Serviu em Lisboa, em Madrid, na Venezuela, em Nova Granada (atual Colômbia), no Equador, no Chile, no Peru e nos Países Baixos. Recebeu os títulos de barão e visconde de Porto Seguro. Terminou sua carreira como Ministro plenipotenciário em Viena, onde faleceu. Considerado o pai da História do Brasil, publicou cerca de 100 títulos, destacando-se a *História Geral do Brasil*. É patrono da cadeira nº 39 da Academia Brasileira de Letras.

"Varnhagen impõe-se em lugar de relevo (...) sobretudo por sua *História Geral*, que criou uma forma e um modelo de colocação da trajetória nacional. Depois de Vicente do Salvador no século XVII, Rocha Pita no XVIII, e Robert Southey no início do XIX, Varnhagen é o primeiro a tentar obra sistemática, com pretensão de síntese. (...) Varnhagen tem um domínio de fontes até aí não conhecido. (...) Tinha capacidade de trabalho e visão de conjunto, embora carecesse de uma teoria que lhe enriquecesse a capacidade de intérprete". (Francisco Iglésias)

História Geral do Brasil (1854-1857);
História das Lutas contra os Holandeses no Brasil desde 1624 a 1654 (1871);
A Questão da Capital: Marítima ou no Interior? (1877);
História da Independência do Brasil (1916).

4 - História do Brasil

Heinrich Handelmann (1827-1891)
1ª Edição: 1860 / Edição atual: 4ª, Ed. Edusp/Itatiaia, 1982



Gottfried Heinrich Handelmann, Historiador alemão, estudou História e Filologia em Heidelberg, Kiel, Berlim e Göttingen. Foi professor de História da Universidade de Kiel e Diretor do Museu de Antigüidades de Schleswig-Holstein. A sua *História do Brasil*, traduzida para o português e publicada em 1931, como o tomo 108 da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tornou-se notável pela sua concepção, abrangência e interpretação crítica e teve repercussão entre autores como Capistrano de Abreu e Nelson Werneck Sodré. Handelmann enfatiza a história regional e dedica atenção especial a emigração européia, que considera uma solução para o fim do trabalho escravo. Em sua numerosa obra destacam-se, ainda, a *História do Haiti* e uma *História da colonização e Independência da América*.

"No período considerado aqui (1838-1931) aparece outro significativo estrangeiro dedicado a nossos temas. Não inglês como Souhtey ou Armitage, mas alemão, como Martius. Trata-se de Gottfried Heinrich Handelmann, com a edição, em 1860, de uma *História do Brasil*, obra de síntese, pouco depois de Varnhagen. É interessante como um alemão, sem nunca ter vindo ao Brasil, tenha sido capaz de acumular tal massa de conhecimento. (...) Handelmann escreveu livro abrangente, tratando da política e da administração, da sociedade e da economia. (...) Handelmann tem lugar de reserva entre os *brazilianists*, pois é um marco na elaboração da História do Brasil com sentido de síntese". (Francisco Iglésias)

Die letzten Zeiten hansischer Übermacht im skandinavischen Norden (1853);
Geschichte der Vereinigten Staaten (1856).

5 - A Ilusão Americana

Eduardo Prado (1860-1901)
1ª Edição: 1893 / Edição atual: 7ª, Senado Federal, 2003



Eduardo Paulo da Silva Prado, político, escritor, historiador, viajante e estudioso da história e cultura de vários povos, formou-se em Direito na Faculdade de São Paulo. Foi adido da legação brasileira em Londres. Fazia parte de um grupo literário luso-brasileiro, junto com Eça de Queiroz, Rio Branco, Oliveira Martins e Ramalho Ortigão. Colaborou na edição de *Le Brésil 1889*, obra publicada por ocasião da Exposição Internacional de Paris em 1889, nos capítulos sobre arte e imigração. Na *Revista de Portugal,* dirigida por Eça de Queiroz, publicou sob o pseudônimo uma série de artigos contra a República, reunidos depois no livro *Fatos da ditadura militar no Brasil* (1890). De volta ao Brasil tornou-se um dos líderes do movimento dos monarquista brasileiros. O seu livro *A ilusão americana* foi um dos grandes momentos da companhia anti-republicana.

"Libelo contra as tendências norte-americanistas da República, escrito em 1893. Mostra o autor que não há razão para imitarmos os Estados Unidos, pois deles estamos separados pela índole, língua, história e tradição. Passa em revista a história das relações entre os Estados Unidos e os países da América Latina, sob o ponto de vista político, econômico e moral, ocupando-se mais longamente das relações com o Brasil a partir do Império, conclui que os fatos nada dizem sobre a existência real de uma confraternização entre os Estados Unidos e as repúblicas latino-americanas, nem de uma influência norte-americana na civilização do continente". (Alice Canabrava e Rubens Borba de Morais).

Viagens (1886, 1902);
Os fastos da ditadura militar no Brasil (1890);
Anulação das liberdades públicas (1892).

6 - *Um Estadista do Império*

Joaquim Nabuco (1849-1910)
1ª Edição: 1896 / Edição atual: 5ª, Ed. Topbooks, 1997



Joaquim Nabuco, filho do Senador José Tomás Nabuco de Araújo, foi formado pela Faculdade de Direito do Recife. Eleito Deputado pela província de Pernambuco, em 1878, iniciou campanha contra a política migratória dos governos, em defesa da liberdade religiosa e da eleição direta e universal e, sobretudo do Abolicionismo. Tornou-se o principal líder abolicionista na Câmara dos Deputados, sendo responsável, em grande parte, pela Abolição em 1888. Dedicando-se ao jornalismo e as letras, escreveu nessa época *Um Estadista do Império* e *Minha formação*. Mais tarde chefiou a Embaixada Brasileira em Londres e foi nomeado Embaixador em Washington, ocupando este cargo até a sua morte. Foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras.

"No momento, o que se impõe é proceder a uma tentativa de levantamento da própria história do livro que é básico em toda a bibliografia histórico-político brasileira. Já tanto se escreveu sobre o *Estadista*, desde os primeiros artigos consagradores de José Veríssimo, que nos parece escusado, pretensioso, tentar fazer da obra novas críticas e interpretações. Ao revés, nunca se cogitou, que eu saiba de um estudo mais demorado sobre a feitura mesma da obra. É esta lacuna que pretendo modestamente atenuar, com as páginas que se seguem". (Afonso Arinos de Melo Franco).

Campanha abolicionista no Recife (1885);
Minha formação (1900);
Um Estadista do Império, Nabuco de Araújo, sua vida, suas opiniões, sua *época* (1897);
O abolicionismo (1883).

7 - Os Sertões

Euclides da Cunha (1866-1909)
1ª Edição: 1902 / Edição atual: 32ª, Francisco Alves, 2002



Militante positivista e republicano desde jovem, Euclides da Cunha formou-se em Engenharia Militar e em Matemática, Ciências Físicas e Naturais, pela Escola Superior de Guerra. Apesar da proteção de Floriano Peixoto mantém poucas relações com o Exército e trabalha como engenheiro na Estrada de Ferro Central do Brasil. Desligando-se do Exército, em 1896, dedica-se a engenharia e escreve no jornal *O Estado*, que o envia para cobrir a campanha de Canudos. De volta escreve *Os Sertões* (1902), que alcança repercussão nacional, valendo-lhe uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. Em 1905 o Barão do Rio Branco designa-o chefe da Comissão de Reconhecimento de Alto Puros. O resultado dessa expedição amazônica é o *Relatório sobre o Alto Puros* e *A margem da História*. Em 1909 tornou-se professor da Lógica do Colégio D. Pedro II, do Rio de Janeiro, assassinado pouco depois por questões de honra.

"Descrição magistral da campanha de Canudos. O autor foi testemunha da última fase da campanha; a obra não tem apenas valor histórico, mas é principalmente um depoimento de alto valor sociológico, antropológico e geográfico. A primeira parte focaliza o meio geográfico; a segunda versa sobre o elemento humano; a terceira parte contém o histórico das diversas expedições enviadas contra Canudos, até sua destruição final em 1897". (Alice Canabrava e Rubens Borba de Morais).

Os Sertões (1902);
O relatório sobre o Alto Puros (1906);
Contrastes e Confrontos (1907);
Peru Versos Bolívia (1907);
À Margem da História (1909).

8 - A América Latina. Males de origem

Manoel Bonfim (1868-1932)
1ª Edição: 1905 / Edição atual: Topbooks, 1993



Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, estudou também psicologia em Paris com Georges Dumas e Alfred Binet. Instalou o primeiro laboratório de psicologia experimental brasileiro (1906). Lecionou na Escola Normal do Rio de Janeiro, na qual assumiu a cátedra de Pedagogia e Psicologia, foi Deputado Federal e Diretor-Geral da Instrução Pública do Distrito Federal. A sua vasta obra abrange várias áreas de conhecimento, como Psicologia, História, Sociologia, Medicina, Zoologia, Botânica, Educação. Como psicólogo Bonfim foi precursor de algumas idéias adotadas posteriormente por cientistas como Vigotski e Piaget. É considerado um dos pioneiros em aplicação do marxismo na análise da história do Brasil. Enfrenta o preconceito racial pretensamente científico, uma herança colonial das elites brasileiras que inferiorizava o homem dos trópicos. Defendia a necessidade de investimento na educação e na transformação social como condição de desenvolvimento do Brasil.

"A América Latina seria o que era – um continente atrasado, turbulento, desorganizado porque era povoada por índios, negros e mestiços incapazes de alcançar o nível da raça branca superior de seus colonizadores. Manuel Bonfim afasta essa hipótese, chegando a afirmar que a mestiçagem não significa inferioridade e pode ser inclusive fator de superioridade. Para ele, os "males de origem, como os chama, são devidos às características sociais dos países colonizadores, que se refletiram no processo de colonização. Este foi marcado pelo parasitismo, conceito chave em seu pensamento, que transpôs da biologia. (Antonio Cândido)

Lições de Pedagogia (1915);
Noções de Psychologia (1916);
Pensar e Dizer: estudo do símbolo no pensamento e na linguagem (1923).

9 - O Brasil Nação: Realidade da Soberania Brasileira

Manoel Bomfim (1868-1932)
1ª Edição:1931 / Edição atual:2ª, Ed. Topbooks, 1996



Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, estudou também psicologia em Paris com Georges Dumas e Alfred Binet. Instalou o primeiro laboratório de psicologia experimental brasileiro (1906). Lecionou na Escola Normal do Rio de Janeiro, na qual assumiu a cátedra de Pedagogia e Psicologia, foi Deputado Federal e Diretor-Geral da Instrução Pública do Distrito Federal. A sua vasta obra abrange várias áreas de conhecimento, como Psicologia, História, Sociologia, Medicina, Zoologia, Botânica, Educação. Como psicólogo Bonfim foi precursor de algumas idéias adotadas posteriormente por cientistas como Vigotski e Piaget. É considerado um dos pioneiros em aplicação do marxismo na análise da história do Brasil. Enfrenta o preconceito racial pretensamente científico, uma herança colonial das elites brasileiras que inferiorizava o homem dos trópicos. Defendia a necessidade de investimento na educação e na transformação social como condição de desenvolvimento do Brasil.

"Quem ler a obra de Manoel Bomfim, em especial este O Brasil Nação, Realidade da Soberania Brasileira – editado em 1931 e desde então esquecido – não somente encontrará a melhor análise do desenvolvimento (ou da falta de desenvolvimento) da nação brasileira até a década de 1920, como também descobrirá que infelizmente, a partir daí quase nada mudou. Lido hoje, o livro continua moderno: o retrato feito há mais de 60 anos por Bonfim revela a mesma imagem do Brasil do final do século XX, com seus problemas sociais, econômicos e políticos". (Luiz Paulino Bonfim)

O methodo dos testes (1926);
Cultura do povo brasileiro (1932);
Crítica à Escola Activa.

10 - Capítulos de História Colonial (1500 –1800)

Capistrano de Abreu (1853-1927)
1ª Edição: 1907 / Edição atual: Senado Federal, 1999



Nascido na província do Ceará, Capistrano de Abreu cursou humanidades no Recife. Foi um dos fundadores da Academia Francesa em Fortaleza, órgão progressista e anticlerical de cultura e debates (1872-1875). Em 1975 mudou-se para o Rio, tornando-se empregado da Editora Garnier. Como redator da *Gazeta de Notícias* dedicava-se a crítica literária. Em 1879 entrou para a Biblioteca Nacional. Lecionou Corografia e História do Brasil do Colégio Pedro II, nomeado por concurso em que apresentou tese sobre *O Descobrimento do Brasil e o seu desenvolvimento no século XVI*. Dedicou-se ao estudo de história colonial brasileira, elaborando uma teoria da literatura nacional de cunho positivista. Traduziu importantes textos geográficos e desenvolvia pesquisas lingüísticas e etnográficas. Eleito para a Academia Brasileira de Letras, recusou-se a tomar posse.

"Se fosse o caso de eleger um grande mérito dos *Capítulos*, apenas um, diria que simplesmente deslocou o foco da história do Brasil e repensou o próprio objeto. Pois se a história do Brasil colonial era até então, desde Varnhagen, a história da colonização portuguesa, os *Capítulos* fizeram da colônia – da sociedade colonial – o protagonista da história. Sociedade múltipla e diversificada, com seus contrastes e tensões. Tem razão, portanto, Fernando Novais (...) ao dizer que os *Capítulos* foram uma ponte entre a primeira historiografia brasileira (a do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, novecentista e monarquista) e a terceira geração, expressa em Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior, esta sim, mais analítica e livre de marcos institucionais". (Ronaldo Vainfas)

Estudo sobre Raimundo da Rocha Lima (1878);
José de Alencar (1878);
A Língua dos Bacaeris (1897).

11 - A Organização Nacional

Alberto Torres (1865-1917)
1ª Edição: 1914 / Edição atual: 3ª Ed. Nacional, Editora Universidade de Brasília, 1982



Alberto de Seixas Martins Torres, bacharel em direito pela Faculdade de Direito do Recife, ingressou na política eleito deputado estadual (1892) e, em seguida, deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro (1896). A convite do presidente Prudente de Morais assumiu a pasta da Justiça (1896-1897). Foi também presidente do Estado do Rio e ministro do Supremo Tribunal Federal. Afastando-se da vida pública aos 43 anos de idade, dedica-se ao estudo de problemas políticos e sociológicos brasileiros. Os artigos publicados na *Gazeta de Notícias* e *Jornal do Comércio*, abordando as questões como reforma da Constituição, formação da nacionalidade nos países colonizados, a crítica das teorias racistas, questões agrárias, a política nas sociedades modernas, iriam compor posteriormente os seus livros. As suas idéias estiveram em voga na década de 1930, com o movimento integralista.

"O sinal mais vivo e característico de quanto Alberto Torres escreveu é o sentido da objetividade, a denúncia da alienação, do mimetismo de formas estranhas, da importação indiscriminada de todo um arsenal ideológico elaborado alhures e sem correspondência com a realidade. Foi nessa idéia que insistiu, mostrando a necessidade de organizar o país em função de sua própria fisionomia, para evitar a desordem e outros prejuízos. Formou um pensamento, quase como autodidata, pois só freqüentou um curso. (...) Formou o pensamento sobretudo na militância, na campanha pelo abolicionismo e pela república". (Francisco Iglésias).

O Problema Nacional Brasileiro (1912);
A Organização Nacional (1914);
As Fontes da Vida no Brasil (1915).

12 - Populações Meridionais do Brasil

Oliveira Viana (1883-1951)
1ª Edição: 1920 / Edição atual: Senado Federal, 2005



Francisco José de Oliveira Viana, bacharel pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, foi professor de Direito Criminal da Faculdade de Direito do Estado do Rio, em Niterói. Ocupou diversas funções públicas estaduais e federais. Como consultor do Ministério do Trabalho teve um papel importante na elaboração da legislação trabalhista. A partir de 1940, exerceu a função do ministro do Tribunal de Contas da República. Foi um dos primeiros a aplicar critérios sociológicos em estudos históricos, valorizando, por exemplo, o papel da classe dos grandes proprietários rurais no passado nacional. Várias de suas obras tiveram uma grande repercussão, como a polêmica *Raça e assimilação* (1932), em que defende a necessidade do caldeamento da raça negra, que considerava indispensável para a integração do negro na sociedade nacional.

"Em 1920, ao completar 37 anos, Oliveira Viana lançou seu primeiro livro, *Populações Meridionais do Brasil*, ora reeditado pelo Senado Federal, obra na qual distinguiu três tipos característicos na formação do nosso país, contrariando a tradição de considerar o povo brasileiro como massa homogênea, a partir de três sociedades diferentes: a dos sertões, a das matas e a dos pampas. Tipificava ele, respectivamente, o sertanejo, o matuto e o gaúcho. (...) Construtor original de uma fase nova na interpretação dos estudos brasileiros".

Populações Meridionais do Brasil (1920);
Pequenos Estudos de Psicologia Social (1921);
O Idealismo na Evolução Política do Império e da República (1922);
Evolução do Povo Brasileiro (1923);
O Ocaso do Império (1925);
Problemas de Política Objetiva (1930);
Raça e Assimilação (1932).

13 - O Ocaso do Império

Oliveira Viana (1883-1951)
1ª Edição:1925 / Edição atual: Senado Federal, 2004



Francisco José de Oliveira Viana, bacharel pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, foi professor de Direito Criminal da Faculdade de Direito do Estado do Rio, em Niterói. Ocupou diversas funções públicas estaduais e federais. Como consultor do Ministério do Trabalho teve um papel importante na elaboração da legislação trabalhista. A partir de 1940, exerceu a função do ministro do Tribunal de Contas da República. Foi um dos primeiros a aplicar critérios sociológicos em estudos históricos, valorizando, por exemplo, o papel da classe dos grandes proprietários rurais no passado nacional. Várias de suas obras tiveram uma grande repercussão, como a polêmica *Raça e assimilação* (1932), em que defende a necessidade do caldeamento da raça negra, que considerava indispensável para a integração do negro na sociedade nacional.

"Oliveira Viana escreveu *O ocaso do Império* em 1925, quando a capital da República estava mergulhada em grande controvérsia decorrente da celebração do centenário de nascimento de Dom Pedro II, que jogava monarquistas e republicanos desiludidos contra os velhos republicanos.
Não há em *O ocaso* saudosismo do Império, exceto talvez na admiração pela figura do imperador, nem avaliação negativa. Foi cumprida a promessa de uma análise não partidária. O autor mantém a avaliação positiva do papel civilizador do regime feita em Populações Meridionais, o que agora invade o país, decorrente do esvaziamento da esperança de mudança gerada nas últimas eleições e da corrosão dos valores republicanos ligados ao respeito pela coisa pública, que conferem ao octogenário texto de Oliveira Viana inesperada atualidade". (José Murilo de Carvalho*).*

14 - Casa – Grande & Senzala

Gilberto Freyre (1900-1987)
1ª Edição: 1993 / Edição atual: 47ª Ed. Global, 2003

Folha Imagem



Gilberto de Melo Freire, sociólogo e escritor, pioneiro do culturalismo no estudo da formação da sociedade brasileira, defendeu a sua tese de mestrado sobre a sociedade brasileira em meados do século XIX, na Universidade de Colúmbia, Nova York, em 1922. Foi um dos organizadores do I Congresso Brasileiro de Regionalismo (1926), que defendia os valores das culturas regionais contra a importação das manifestações culturais européias. Em *Casa-Grande & Senzala*, contrapondo-se ao racismo então vigente, atribui a riqueza e a força da cultura brasileira a mistura de raças. Foi precursor em abordagem de vários temas de estudos culturais e da história das mentalidades, como a moda, os costumes, a alimentação, o sexo. A sua idealização da colonização portuguesa e da sociedade escravocrata (mito do senhor bondoso e da escravidão benigna), provocava a reação da crítica marxista, que denunciava seu caráter conservador.

"Casa Grande e Senzala é o maior dos livros brasileiros e o mais brasileiro dos ensaios que escrevemos. (...) Gilberto Freyre, de certa forma, fundou – ou pelo menos espelhou – o Brasil no plano cultural tal como Cervantes à Espanha, Camões à Lusitânia, Tolstoi à Rússia, Sartre à França. É certo que houve em nosso caso, como nos outros, alguns gestos mais, uns antes – ontem, o Aleijadinho, entre poucos – outros depois – hoje, Brasília, de Oscar – mas, sem dúvida entres eles está o de Gilberto". (Darcy Ribeiro)

Casa-Grande & Senzala (1933);
Interpretação do Brasil (1947);
Ingleses no Brasil (1948);
Brasis, Brasil e Brasília (1968).

15 - Raízes do Brasil

Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982)
1ª Edição: 1936 / Edição atual: 27ª, Companhia das Letras, 2006

F. Cícero/Folha Imagem



Um dos maiores historiadores e intelectuais brasileiros do século XX. Nascido em São Paulo, formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito no Rio de Janeiro. Em 1929 foi para Alemanhã como jornalista. De volta ao Brasil foi professor da Universidade do Distrito Federal, exerceu funções de direção no Instituto Nacional do Livro e Biblioteca Nacional, entre outros. Em 1958 assumiu a cadeira de História da Civilização Brasileira da Universidade de São Paulo. Ao contrário de Gilberto Freyre, que exaltara o papel do português nos trópicos, Sérgio Buarque ressalta a má vontade deles para com as letras, a imprensa e a educação, deixando estrategicamente o Brasil mergulhado numa ignorância por três séculos. As suas interpretações do Brasil reúnem um vasto conhecimento histórico, filosófico, cultural e um estilo inconfundível de um dos maiores ensaístas brasileiros.

"Sérgio Buarque de Holanda inicia uma síntese do que seria seu futuro livro, publicado em 1936, *Raízes do Brasil*, afirmando que a principal contribuição brasileira para a civilização seria a cordialidade. Tendo como referência uma análise elaborada por Ribeiro Couto, a respeito da especificidade latina, Sérgio Buarque enfatizaria a importância da noção de "homem cordial". Esse pressupõe lhaneza no trato, hospitalidade, generosidade, virtudes estas características da psicologia do brasileiro. É preciso estar atento ao desenvolvimento da noção de "homem cordial" em *Raízes do Brasil* na medida em que o mesmo nos indica o caminho escolhido por Sérgio Buarque para caracterizar uma identidade nacional." (Elisa Goldman)

Da escravidão ao trabalho livre (1948);
Índios e mamelucos na expansão paulista (1949);
Caminhos e fronteiras (1957).

16 - História Econômica do Brasil 1500-1820

Roberto Simonsen (1889-1948)
1ª Edição: 1937 / Edição atual: 8ª, Ed. Nacional, 1978



Industrial, político e historiador, formado em Engenharia pela Escola Politécnica de São Paulo. Foi diretor geral de obras na Prefeitura de Santos e fundador da Companhia Construtora de Santos. Participou ativamente do Movimento Constitucionalista de São Paulo (1932). Lecionou História Econômica do Brasil na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Foi deputado pelo Partido Constitucionalista à Assembléia Nacional Constituinte (1934-1935) e, depois da guerra, deputado federal e senador pelo PSD paulista. Idealizador do Senai e do Sesi, presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), defendeu a industrialização do Brasil e a proteção governamental às indústrias. Como autor de numerosas obras de história econômica, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, em 1946.

"Trata-se de obra altamente informativa, reveladora de pesquisa feita em documentos já editados ou livros. O critério e a inteligência do autor explicam sua alta qualidade. Estuda, na linha tradicional, os impropriamente chamados ciclos, apresentando quadro, quando possível completo, sobre o açúcar, o ouro, o gado, as especiarias do sertão. O capítulo sobre a Amazônia era original para a época. Pena ficasse só no período colonial, detendo-se em 1820. Objetivo sem digressões teorizantes, informa e dá quadro básico para desenvolvimentos posteriores. A obra frutificou, exerceu ampla influência. Inexplicavelmente esgotada por longos anos, foi reeditada várias vezes, em justo êxito". (Francisco Iglésias).

O Município de Santos (1912);
A Orientação Industrial Brasileira (1928);
As Finanças e a Indústria (1931);
Ensaios Sociais Políticos e Econômicos (1943);
O Plano Marshall e a América Latina, relatório (1947).

17 - Formação do Brasil Contemporâneo – Colônia

Caio Prado Jr. (1907-1990)
1ª Edição: 1942 / Edição atual: 26ª, Ed. Brasiliense, 1994


Folha Imagem

Formado em Direito e livre-docente de Economia Política pela Faculdade do Largo de São Francisco, em São Paulo. Foi um dos fundadores da Associação dos Geógrafos Brasileiros, em 1934. Participou da Revolução de 1930, e da Aliança Nacional Libertadora, como presidente da seção paulista. Foi eleito Deputado Estadual em São Paulo pelo Partido Comunista Brasileiro (1945) e constituinte em 1947. Em 1970 teve direitos políticos cassados pelo regime militar. Um dos principais representantes do marxismo na teoria política brasileira e na sua aplicação na análise da História do Brasil. O seu livro *A revolução brasileira* (1966), uma análise da situação do país após 1964, recebeu o Prêmio Juca Pato, concedido pela União Brasileira de Escritores.

"Seu segundo texto é o mais importante que produziu – Formação do Brasil Contemporâneo, de 1942 – e uma das obras primas de nossa historiografia. (...) Formação teve enorme êxito, contando já com várias edições. Sua influência é enorme (...) leva em conta o todo nacional, não uma área; o conjunto da produção, não só os sucessos da economia exportadora; o povo na sua totalidade, precisado de produzir para sobreviver. (...) Já não é mais o estudo com base na raça ou no clima, em caracteres nacionais estabelecidos pelo subjetivismo dos autores, mas rica compreensão da totalidade, em sua dinâmica social, de delicada e profunda apreensão. O historiador ganha uma força e uma garra explicativa até aí ignoradas, (...) É o texto mais importante até hoje produzido sobre a Colônia". (Francisco Iglésias)

Evolução Política do Brasil (1953);
Diretrizes para uma Política Econômica Brasileira (1954).

18 - Antologia do Folclore Brasileiro

Luís da Câmara Cascudo (1898-1986)
1ª Edição: 1944 / Edição Atual: 4ª, Editora Global, 2002


Edson Franco/Folha Imagem

Folclorista e escritor brasileiro, autor de uma obra fundamental para os estudos etnográficos e antropológicos no Brasil. Nasceu e viveu em Natal (RN), dedicando-se particularmente ao estudo da cultura popular brasileira. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife. Foi militante de Ação Integralista Brasileira, do qual se desligou em 1938. Como jornalista, assinou uma crônica diária no jornal *A República* e colaborou com vários órgãos da imprensa do Recife e de outras capitais. Foi professor de Direito Internacional Público da Universidade do Rio Grande do Norte. Autor de uma vastíssima obra, que engloba cerca de 150 títulos, entre eles *Dicionário do Folclore Brasileiro*, obra de referência internacional e *Geografia dos Mitos Brasileiros*, com o qual recebeu o Prêmio João Ribeiro da Academia Brasileira de Letras.

"Autor de inúmeras obras consideradas essenciais para o folclore brasileiro, Luís da Câmara Cascudo, numa pesquisa histórico-literária, investiga, primeiramente, os escritos deixados pelos cronistas do século XVI ao XVIII. No interesse de divulgar de maneira antológica investigações no campo da folclorística, o autor seleciona, também, as expressivas obras deixadas pelos viajantes estrangeiros e estudiosos brasileiros dos séculos XIX e XX. *Antologia do Folclore Brasileiro* é a reunião das meritórias informações elaboradas cronologicamente para facilitar o estudo litero-científico do povo brasileiro". (Laura Della Monica)

Alma Patrícia (1921);
Vaqueiros e Cantadores: Folclore Poético do Sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do *Norte e Ceará* (1939);
Antologia do Folclore Brasileiro (1943);
Contos tradicionais do Brasil (1946).

19 - *A Cultura Brasileira – Introdução ao estudo da cultura no Brasil*

Fernando de Azevedo (1894-1974)
1ª Edição: 1945 / Edição atual: 6ª, Editora UnB, Editora UFRJ, 1996


Evelson de Freitas/Folha Imagem

Educador, sociólogo, historiador e crítico literário, um dos responsáveis pelas reformas e desenvolvimento do ensino no Brasil. Promoveu ampla reforma educacional no Rio de Janeiro, com a proposta de extensão de ensino a todas as crianças em idade escolar. Redigiu e lançou, junto com outros educadores e intelectuais, o "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova" (1932) e participou intensamente da organização das instituições de ensino, entre elas a Universidade de São Paulo, onde também foi professor de Sociologia Educacional e Diretor da Faculdade de Filosofia. Exerceu cargos de diretor geral da Instrução Pública do Distrito Federal (1926-1930) e Secretário da Educação e Saúde do Estado de São Paulo (1947, 1959-1961), entre outros. Organizou e dirigiu duas importantes iniciativas editoriais: "a Biblioteca Pedagógica Brasileira e a coleção Brasiliana, destinada a descobrir o Brasil aos brasileiros" (Anisio Teixeira), ambas lançadas em 1931.

"O objetivo do autor nesta obra foi fazer uma análise da cultura brasileira, no sentido de mostrar que mesmo o Brasil tendo enfrentado graves problemas de cunho político, econômico, social e cultural e, particularmente, educacional, tanto no período colonial, quanto em momentos posteriores (Independência, política, I e II reinados e nos distintos períodos republicanos), acumulou um patrimônio cultural, científico, tecnológico e educacional de extrema relevância para se construir um padrão de cultura e de pensamento científico democraticamente representativo". (Geraldo M. Prado)

Novos Caminhos e Novos Fins – A Nova Política da Educação no Brasil (1935);
A Educação e seus Problemas (1952);
As Ciências no Brasil (1956).

20 - Rio Branco (O Barão do Rio Branco) biografia pessoal e história política

Álvaro Lins (1912-1970)
1ª Edição: 1945 / Edição atual: 3ª, Editora Alfa Omega / FUNAG, 1996


Acervo UH/Folha Imagem

Álvaro de Barros Lins, formado pela Faculdade de Direito de Recife, Inicia a sua carreira política como secretário do Governo Estadual de Pernambuco (1934-1937) e, em seguida, dedica-se a carreira jornalística, ensino e pesquisa. Foi redator e Diretor do *Diário de Manhã* de Pernambuco. Transferindo-se para o Rio de Janeiro, dirigiu *Correio da Manhã* (1940-1956) e escreveu para Suplemento Literário do *Diário de Notícias* e para *Diários Associados*. Foi professor da Literatura Brasileira no Colégio D. Pedro II. Lecionou Estudos Brasileiros na Universidade de Lisboa. Em 1955 foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras. Convidado pelo Presidente Juscelino Kubitschek chefiou a Casa Civil da Presidência da República e, em seguida, foi Embaixador do Brasil em Lisboa. As suas posições conflitantes com a ditadura salazarista e com algumas decisões do governo brasileiro resultaram em rompimento com o Presidente Juscelino e sua exoneração da embaixada de Portugal.

"Álvaro Lins documentou-se escrupulosamente e sempre nas fontes. No entanto nunca se deixou vencer pela mania do documento. Traça no texto confrontos admiráveis entre Rio Branco e algumas das figuras que o cercaram em vida, como o pai, ou Rui Barbosa, Nabuco ou Capistrano. São paralelos rápidos, mas vivos e cheios de sentido. À medida que o livro vai avançando, e a figura do Barão do Rio Branco vai crescendo, aumentam também estas páginas de comentário pessoal, vigoroso, acertado, perfeitamente integrado no conjunto, e, no entanto, já se destacando como páginas futuras de antologia". (Tristão de Ataíde)

Alguns Aspectos da Decadência do Império (1939);
Poesia e Personalidade de Antero de Quental (1942).

21 - Geografia da Fome – o dilema brasileiro: pão ou aço

Josué de Castro (1908-1973)
1ª Edição: 1946 / Edição atual: 17ª, Editora Civilização Brasileira, 2001


Acervo UH/Folha Imagem

Logo após a sua formação como médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Josué Apolônio de Castro desenvolve um estudo sobre as condições de vida das classes mais pobres do Recife. Livre-docente em Fisiologia na Faculdade de Medicina de Recife e, posteriormente, professor de Geografia Humana da Universidade Federal do Rio de Janeiro, destaca-se nacional e internacionalmente por seus trabalhos sobre a fome e subdesenvolvimento no Brasil e no mundo. Foi Presidente do Conselho da Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (FAO), do comitê da Campanha de Luta contra a Fome da ONU, formada por sua iniciativa, e do Comitê Intergovernamental para Migrações Européias. Exilado depois do Golpe Militar de 1964 viveu em Paris, onde dirigiu o Centro Internacional para o Desenvolvimento e foi professor da Universidade de Paris.

"Seu livro não é apenas uma coletânea sistemática de fatos instrutivos. É uma obra profundamente atraente porque é eminentemente viva. Nesta *Geografia da Fome*, o problema da subnutrição e da carência alimentar aparece em toda a sua realidade, permitindo ao leitor compreender-lhe os diversos aspectos e a importância primordial. Um livro como este suscita ação e serve-lhe de guia. O leitor verá que é um livro de utilidade imediata, e ao mesmo tempo, um livro inteligente e generoso". (André Meyer)

O Problema Fisiológico da Alimentação no Brasil (1932);
O Problema da Alimentação no Brasil (1933);
Alimentação e Raça (1935);
Geografia da Fome (1946);
Geopolítica da Fome (1951);
Ensaios de Geografia Humana (1957);
A explosão demográfica e a fome no mundo (1968).

22 - Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos

Antônio Cândido (n. 1918)
1ª Edição: 1959 / Edição atual: Ouro Sobre Azul, 2007


Bel Pedrosa/Folha Imagem

Antônio Cândido de Mello e Souza, um dos maiores críticos e historiadores da literatura, é autor de várias obras fundamentais de análise, interpretação e avaliação crítica da literatura brasileira e da herança européia. Nascido no Rio de Janeiro, formado em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, em 1974 torna-se professor efetivo de Teoria Literária e Literatura Comparada da mesma Universidade. Foi professor associado de Literatura Brasileira na Universidade de Paris, professor visitante de Literatura Brasileira e Comparada na Universidade de Yale. Foi um dos fundadores do Partido Socialista Brasileiro e do Partido dos Trabalhadores. Em 1998 recebeu o Prêmio Camões.

"Com finura exemplar, catalogou Antônio Cândido o estudo da literatura nacional seccionado em dois aspectos básicos: o valor das obras em si e sua função no contexto do tempo. Eis aí a importância singular deste livro, *Formação da Literatura Brasileira*, para o estudo metodológico de nossas letras. Situou de maneira lúcida todos os chamados problemas com que se defronta o estudioso da literatura como sistema ou fenômeno científico, tendo como pressupostos não só a incorporação das obras literárias ao patrimônio nacional, mas também a inserção dessas obras num certo período da vida de um povo. É sob esse aspecto livro paradigma, pois faz questão o autor de afirmar que não se trata de obra de erudição, mas de interpretação do fato literário brasileiro, abrangendo mais de um século (1750-1880), por ele denominado momentos decisivos". (Vivaldi Moreira)

Introdução ao Método Crítico de Sílvio Romero (1945);
Presença da Literatura Brasileira (em colaboração com J. Aderaldo Castello) (1964).

23 - Os Parceiros do Rio Bonito – estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida

Antônio Cândido (n. 1918)
1ª Edição: 1964 / Edição atual: 9ª, Editora Duas Cidades, 2001

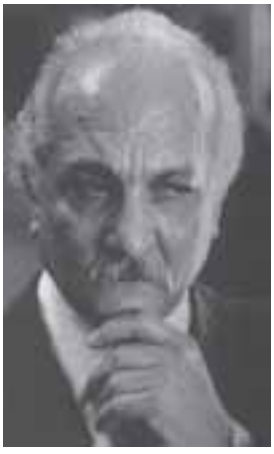

Bel Pedrosa/Folha Imagem

Antônio Cândido de Mello e Souza, um dos maiores críticos e historiadores da literatura, é autor de várias obras fundamentais de análise, interpretação e avaliação crítica da literatura brasileira e da herança européia. Nascido no Rio de Janeiro, formado em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, em 1974 torna-se professor efetivo de Teoria Literária e Literatura Comparada da mesma Universidade. Foi professor associado de Literatura Brasileira na Universidade de Paris, professor visitante de Literatura Brasileira e Comparada na Universidade de Yale. Foi um dos fundadores do Partido Socialista Brasileiro e do Partido dos Trabalhadores. Em 1998 recebeu o Prêmio Camões.

"Este livro [*Os Parceiros do Rio Bonito*] teve como origem o desejo de analisar as relações entre a literatura e a sociedade; e nasceu de uma pesquisa sobre a poesia popular, como se manifesta no Cururu – dança cantada do caipira paulista – cuja base é um desafio sobre os mais vários temas, em versos obrigados a uma rima constante (carreira), que muda após cada rodada. (...) A pesquisa foi aguçando no pesquisador o senso dos problemas que afligem o caipira nessa fase de transição. Querendo conhecer os aspectos básicos, necessários para compreendê--lo, cheguei aos problemas econômicos e tomei como ponto de apoio o problema elementar da subsistência. E assim foi que tendo partido da teoria literária e do folclore, o trabalho lançou uma derivante para o lado da sociologia dos meios de vida; e quando esta chegou ao fim, terminou pelo desejo de assumir uma posição em face das condições descritas". (Antonio Cândido)

24 - Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil

Victor Nunes Leal (1914-1985)
1ª Edição: 1949 / Edição atual: 6ª, Editora Nova Fronteira, 1999



Formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade do Brasil, ingressa na mesma, como professor, em 1947, após a defesa da tese, publicada posteriormente com o título *Coronelismo, enxada e voto,* uma análise do fenômeno do coronelismo brasileiro. Exerceu cargos de chefe da Casa Civil da Presidência da República (1956-1959) e foi nomeado ministro do Supremo Tribunal Federal (1960) e do Tribunal Superior Eleitoral (1966). Teve atuação destacada na Comissão de Jurisprudência do STF, com a implantação, em 1963, da "Súmula da Jurisprudência Predominante do Supremo Tribunal Federal".

"O livro de Victor Nunes Leal, desde o seu aparecimento, passou a valer como um clássico de nossa literatura política. Não é um aglomerado de impressões pessoais, mas uma análise profunda de realidades, que aprofundaram suas raízes na organização agrária, como produto espontâneo do latifúndio. Seu estudo levou em conta a presença do Município, assim como o relacionamento com os demais poderes públicos do país, o estadual e o federal. A base do poder vem, senão da propriedade, pelo menos da riqueza. (...) Victor Nunes Leal tem razão quando observa que o "Coronelismo" corresponde a uma quadra da evolução de nosso povo. (...) Ainda não desapareceu aquela pirâmide das coligações transitórias de interesses políticos. (...) Continua, pois, o "Coronelismo", sobre novas bases, numa evolução natural... E para acompanhar essa evolução é que há necessidade do excelente livro de Victor Nunes Leal, para um paralelo indispensável". (Barbosa Lima Sobrinho)

Cinco Estudos (1955);
Três Ensaios de Administração (1958).

25 - Bandeirantes e Pioneiros – Paralelo entre duas Culturas

Vianna Moog (1906 -1988)
1ª Edição: 1954 / Edição atual: 21ª, Graphia, 2006



Clodomir Vianna Moog nasceu em São Leopoldo, formou-se em Direito e, depois de participar da Revolução Constitucionalista de 1932, foi preso e transferido para Manaus e Teresina. Em 1945 é eleito membro da Academia Brasileira de Letras. Entre 1946 e 1950 serviu na Delegacia do Tesouro Brasileiro em Nova York. Foi também representante do Brasil na Organização das Nações Unidas e na Organização dos Estados Americanos. Entre as suas obras, além de *Bandeirantes e pioneiros*, se destacam *O ciclo de ouro negro*, ensaios sobre a realidade amazônica, *Novas cartas Persas*, texto satírico sobre a cultura brasileira, e um romance *Um rio imita o Reno*, que fala dos conflitos numa comunidade de origem alemã, nos tempos de nazismo em ascenção.

"Em *Bandeirantes e pioneiros*, a grande obra de sua maturidade, livro corajosamente polêmico, estuda o autor as características étnicas, geográficas, religiosas, econômicas e sociais que mais respondem pela diferença entre a civilização brasileira e a norte-americana. Pondo-as em confronto, não só para surpreender-lhes os contrastes essenciais, senão também para investigar as causas que levaram os Estados Unidos a avançar em "ritmo de progressão geométrica, enquanto o Brasil ainda se mantém em ritmo de progressão aritmética", em seis capítulos magistrais, que valem como ensaios autônomos, sem prejuízo da unidade do livro. O notável ensaio *Bandeirantes e pioneiros* resultou do longo período que Vianna Moog passou nos Estados Unidos, onde ocupou vários cargos na Organização dos Estados Americanos e na Organização das Nações Unidas. *Bandeirantes e pioneiros* foi muitas vezes, e com justiça, comparado a *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre". (Moacyr Scliar).

26 - Tristes Trópicos

Claude Lévi-Strauss (n. 1908)
1ª Edição: *Tristes tropiques*, 1955 / Edição brasileira: Companhia das Letras, 1996

Fernando Santos/Folha Imagem



Claude Lévi-Strauss, antropólogo e sociólogo francês, um dos maiores representantes da linha estruturalista da antropologia social. De 1935 a 1939 leciona na recém-fundada Universidade de São Paulo e visita vários grupos indígenas do Brasil, experiência que dará origem ao livro *Tristes Trópicos*. Durante a Segunda Guerra Mundial vive exilado nos Estados Unidos. As suas numerosas visitas às tribos indígenas das Américas fornecem bases para pesquisa, em que o método estrutural serve para mostrar a unidade do homem na diversidade das culturas, mitos e religiões em particular. Aplicando os métodos da análise sincrônica, e desistindo das análises históricas, torna-se um dos principais expoentes do estruturalismo nas ciências humanas do século XX. Em 1994 lança *Saudades do Brasil*, livro de memórias com fotografias do período em que morou no Brasil.

"Apesar de bem conhecido em círculos acadêmicos, foi apenas em 1955 que Lévi-Strauss tornou-se um dos intelectuais franceses mais conhecidos ao publicar *Tristes Trópicos*, livro autobiográfico acerca de seu exílio na década de 1930. "Todavia, pressinto causas mais pessoais na minha rápida aversão que me afastou da filosofia e me levou a agarrar-me à etnografia como a uma tábua de salvação. Após passar no liceu de Mont-de-Marsan um ano feliz a preparar meu curso, ao mesmo tempo em que me ensinava, descobri horrorizado já no início do ano letivo seguinte, em Laon, para onde eu fora nomeado, que o resto da minha vida inteira consistiria em repeti-lo. (...) Hoje, às vezes me pergunto se a etnografia não me atraiu, sem que eu suspeitasse, devido a uma afinidade de estrutura entre as civilizações que ela estuda e a de meu próprio pensamento." (Claude Lévi-Strauss)

Les Structures Élementaires de la Parenté (1949);
Anthropologie structurale (1958, 1973).

27 - *Os Holandeses no Brasil 1624-1654*

Charles Ralph Boxer (1904-2000)
1ª Edição: *The Dutch in Brazil, 1624-1654*, 1957 / Edição brasileira: Companhia Editora Nacional, 1961



Charles Ralph Boxer, um historiador inglês, notável conhecedor da história colonial portuguesa e holandesa, serviu, como militar profissional, na Irlanda do Norte, China, Hong Kong e foi tradutor no Japão. Durante sua carreira militar, publicou mais de oitenta livros e opúsculos sobre a história do Oriente. Aposentado do Exército, em 1947, torna-se professor de Língua e Literatura Portuguesa e de História do Extremo Oriente da Universidade de Londres. Após 1967, leciona nas Universidades de Indiana e Yale. Além dos estudos sobre a expansão portuguesa e holandesa no Oriente, é autor dos importantes livros sobre a história do Brasil, a presença portuguesa e holandesa, em particular.

"Apesar do volume considerável e importância do material tornado acessível nos últimos cinqüenta anos, não existe ainda, em inglês, nenhuma exposição adequada sobre esse episódio colonial. O presente trabalho é uma tentativa feita para preencher essa lacuna. (...) A que espécie de leitor é este livro destinado? Em primeiro lugar, a todos quantos se interessam pelos caminhos ínvios (ou mesmo pelos becos sem saída) da história colonial. Mas poderá merecer, também, a atenção dos que estejam interessados em assuntos mais vastos, tais como as lutas entre raças e religiões, ou a influência do poder marítimo na guerra colonial". (Charles Ralph Boxer)

Jan Compagnie in Japan, 1660-1817 (1936);
Salvador de Sá and the Struggle for Brazil and Angola, 1602-1686 (1952);
The Tragic History of the Sea (1959);
The Golden Age of Brazil, 1695-1750 (1962);
The Portuguese Seaborne Empire (1969).

28 - *A Idade de Ouro no Brasil: dores de crescimento de uma sociedade colonial*

Charles Ralph Boxer (1904-2000)
1ª Edição: *The Dutch in Brazil, 1624-1654*, 1957 / Edição brasileira: Companhia Editora Nacional, 1961



Charles Ralph Boxer, um historiador inglês, notável conhecedor da história colonial portuguesa e holandesa, serviu, como militar profissional, na Irlanda do Norte, China, Hong Kong e foi tradutor no Japão. Feito prisioneiro de guerra pelos japoneses, em 1941, passa quatro anos em cativeiro. Durante sua carreira militar, publicou mais de oitenta livros e opúsculos sobre a história do Oriente. Aposentado do Exército, em 1947, torna-se professor de Língua e Literatura Portuguesa e de História do Extremo Oriente da Universidade de Londres. Após 1967, leciona nas Universidades de Indiana e Yale. Além dos estudos sobre a expansão portuguesa e holandesa no Oriente, é autor dos importantes livros sobre a história do Brasil, a presença portuguesa e holandesa, em particular.

"A proposta de Boxer neste livro é a de elaborar um panorama do atual Brasil entre 1700 e 1750, de Norte a Sul. Recorde-se que, neste período, a Colônia estava dividida entre dois "estados" e suas respectivas capitanias, o Estado do Brasil e o Estado do Maranhão, este compreendendo grande parte da atual região amazônica. O recorte foi muito bem escolhido. Em torno a 1700 começa a exploração do ouro; de 1750 é o Tratado de Madri, que sanciona a expansão portuguesa e supera a linha de Tordesilhas. Entre 1700 e 1750 ocorreram mais mudanças na Colônia que nos dois séculos iniciais: o Brasil que costumamos representar mentalmente teve sua configuração definida nesse período". (Arno Wehling)

Jan Compagnie in Japan, 1660-1817 (1936);
Salvador de Sá and the Struggle for Brazil and Angola, 1602-1686 (1952);
The Tragic History of the Sea (1959);
The Golden Age of Brazil, 1695-1750 (1962);
The Portuguese Seaborne Empire (1969).

29 - Os Donos do Poder - formação do patronato político brasileiro

Raymundo Faoro (1925-2003)
1ª Edição: 1958 / Edição atual: 2ª, 1975, Editora Globo, Editora USP, 1975


Américo vermelho/Folha Imagem

Formado em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi admitido por concurso como Procurador do Estado do Rio de Janeiro (1963) e Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (1977-1979). Lutou pela redemocratização do País, denunciou casos de tortura, defendeu o fim dos Atos Institucionais do regime militar, participou na campanha pela anistia ampla, geral e irrestrita. Além do considerado clássico *Os Donos do Poder* (Prêmio José Veríssimo de ensaio e crítica da Academia Brasileira de Letras, em 1959), publicou outros estudos sobre a política brasileira, ensaios jurídicos e um estudo sobre Machado de Assis.

"Raymundo Faoro, que acaba de nos deixar, inscreve-se na categoria dos pensadores que procuram interpretar a História sob o aspecto estrutural. A razão do impacto que a sua obra *Os Donos do Poder: Formação do Patronato Político Brasileiro* causou em nosso meio intelectual, é que, contrariamente à visão marxista, dominante à época na historiografia de tipo estrutural, ele não procurou a explicação na infra-estrutura, vale dizer, na sociedade civil, mas antes na superestrutura, isto é, no Estado. A longa caminhada dos séculos na história de Portugal e do Brasil mostra que a independência sobranceira do Estado sobre a nação não é a exceção de certos períodos, nem o estágio, o degrau para alcançar outro degrau, previamente visualizado. Ela seria simplesmente a regra, ainda não excepcionada." (Fábio Konder Comparato)

Machado de Assis: a Pirâmide e o Trapézio (1975);
A Assembléia Constituinte: a legitimidade recuperada (1980);
Existe um Pensamento Político Brasileiro? (1994).

30- Introdução ao Cinema Brasileiro

Alex Viany (1918-1992)
1ª Edição: 1959 / Edição atual: Revan, 1993.


Luciana Whitaker/Folha Imagem

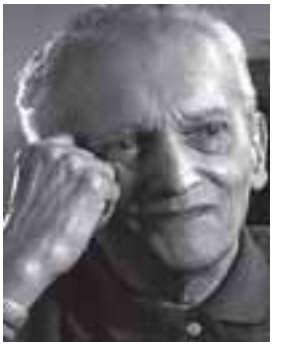
Almiro Viviani Fialho, conhecido como Alex Viany, foi cineasta, produtor, roteirista, ator, crítico e historiador do cinema brasileiro. Na década de 40 morou nos Estados Unidos. Trabalhou em Hollywood para a revista *Cruzeiro*. De volta ao Brasil, em 1950, foi diretor de curtas metragens, antes de produzir seus três primeiros longas-metragens (*Agulha no palheiro, Rua sem sol, Sol sobre a lama*), marcados pelo neo-realismo italiano. Em 1957 dirigiu um dos episódios do filme *Die Windrose* produzido por Joris Ivens. A sua *Introdução ao Cinema Brasileiro*, apresenta uma trajetória do cinema brasileiro desde o seu nascimento no final do século XIX, traz um levantamento filmográfico, biográfico e um testemunho pessoal dos primeiros passos do Cinema Novo.

"Em boa hora a Embrafilme decide reeditar este livro que, pelas resenhas até de pessoas muito competentes, parece ter sido incompreendido na época. Tão incompreendido como o próprio cinema brasileiro. (...) Relido hoje, então é ainda mais rico. (...) Capítulos sintéticos se sucedem quase como história de ficção tratando de pessoa, coisas, (filmes) e lugares em envolventes descrições que nos remetem a uma espécie de estado de graça cinematográfico-textual. O cinema brasileiro readquire hoje, nesta edição, uma aura nostálgica de pureza que os avanços tecnológicos e temáticos nos fizeram esquecer". (David Neves)

Agulha no Palheiro [diretor, roteirista, ator] (1953);
Cinco Vezes Favela [ator] (1962);
A noiva da Cidade [diretor, roteirista, produtor] (1978);
Humberto Mauro: Coração do Bom [diretor] (1979).

31 - Formação Econômica do Brasil

Celso Furtado (1920-2004)
1ª Edição: 1959 / Edição atual: 33ª, Nacional, 2003



Celso Monteiro Furtado, Doutor em Economia pela Sorbonne, um dos maiores economistas e intelectuais brasileiros do século XX. Foi Diretor da Divisão de Desenvolvimento Econômico da Cepal (1949), Superintendente da Sudene e Ministro do Planejamento no Governo João Goulart. O golpe militar de 1964 cassa seus direitos políticos para dez anos. Exilado, viveu no Chile, Estados Unidos e França, lecionando e pesquisando nas universidades de Yale, Paris, Washington e Cambridge, Columbia. Em 1968 vem ao Brasil a convite da Câmara dos Deputados para debater a economia brasileira. Reinserindo-se na política brasileira, filia-se ao PMDB, em 1981. No governo José Sarney assume o cargo de Ministro da Cultura. Em suas obras aborda, entre outras, as questões do desenvolvimento econômico do Brasil, dando também ênfase aos fatores sociais e políticos. Reconhecido internacionalmente, em 2003 o seu nome é indicado para o Prêmio Nobel da Economia.

"O ano de 1959 assinala o aparecimento do livro mais ecoante dos últimos tempos no campo das ciências sociais e no da historiografia: *Formação Econômica do Brasil*, de Celso Furtado. Enxuto, objetivo, direto, fez síntese da trajetória econômica nacional. Sem ser historiador, sem pesquisas originais, viu nos textos de história o que os próprios autores não percebiam, por falta de formação, compondo livro harmonioso e denso. É para nível superior, pois não explica didaticamente a história nem a teoria econômica, aplicando-as no suposto de que o leitor as conhece. (...) Apreende a trajetória no seu todo, às vezes com análises extremamente originais, de largo alcance para a história, que delas sai enriquecida e aprofundada". (Francisco Iglésias)

32 - A Amazônia e a Cobiça Internacional

Artur César Ferreira Reis (1906-1993)
1ª Edição: 1960 / Edição atual: 5ª, Civilização Brasileira, 1982


Acervo UH/Folha Imagem

Artur César Ferreira Reis, nascido em Manaus, formado em Direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, foi professor, político e historiador. Em 1961 foi designado a exercer o cargo de Diretor de Departamento de História e Documentação do Estado de Guanabara. Governador do Estado do Amazonas (1964-1967), foi também Presidente do Conselho Federal de Cultura, Superintendente do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (atual SUDAM) e Diretor do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA/CNPq). Publicou vários estudos sobre a história e o presente da Amazônia, dos quais *A Amazônia e a cobiça internacional* teve o maior impacto.

"(...) a Amazônia, percorrida por legiões de homens de ciência, disputada desde há quase quatro séculos, ainda não desvendada no que vale ou no que pode proporcionar como realidade econômica e como mundo submetido à disciplina da técnica do século XX, não tem sido um mero assunto de interesse da ciência. Quando a indicamos como disputada, estamos a propô-la na sua história exata. Porque o que vem ocorrendo é uma cobiça intensa à sua volta, cobiça cuja crônica tentamos neste livro, que não foi escrito sob qualquer preocupação de fazer escândalo, mas com a intenção serena de despertar o Brasil para o grave problema que a região representa". (Arthur Cezar Ferreira Reis)

A Política de Portugal no Vale Amazônico (1940);
A Expansão Portuguesa na Amazônia nos séculos XVII e XVIII (1959);
Aspectos da experiência portuguesa na Amazônia (1966);
História de Óbidos [2ª ed.] (1979).

33 - Da Substituição de Importações ao Capitalismo Financeiro - ensaios sobre economia brasileira

Maria da Conceição Tavares (n. 1930)
1ª Edição: 1972 / Edição atual: 11ª, Zahar, 1983


Patrícia Santos/Folha Imagem

Portuguesa de nascimento, Maria da Conceição, após formar-se em Matemática pela Universidade de Lisboa (1953), veio ao Brasil onde se formou em Economia pela Universidade do Brasil. Foi professora da UFRJ e da Unicamp e professora visitante em Universidades do Chile e do México. Eleita Deputada Federal pelo PT do Rio de Janeiro, foi também membro titular da Comissão das Finanças e Tributação da Câmara dos Deputados. Entre os seus livros destacam-se o clássico *Da substituição de importações ao capitalismo financeiro* e o *Poder e dinheiro*. Os seus estudos dedicados problemas do desenvolvimento do Brasil e outros países "periféricos", a populações excluídas economicamente, em particular, tornaram-se uma importante referência no pensamento econômico brasileiro.

"A compreensão do processo de desenvolvimento da economia brasileira recebeu de Maria da Conceição Tavares uma das mais importantes contribuições individuais. Aqui estão, finalmente, reunidos os ensaios que consubstanciam o principal dessa contribuição. Esta seleção permite ao leitor reconstituir o incansável esforço da autora em interpretar o complexo e inédito processo de desenvolvimento econômico brasileiro. Cada ensaio, abrindo interrogações, apresenta matéria de trabalho subseqüente que retifica e aprofunda as colocações precedentes". (Carlos Lessa)

Ciclo e crise: o movimento recente da economia brasileira (1978);
Acumulação de Capital e Industrialização no Brasil (1986);
Aquarela Collorida. A Política Econômica do Governo Collor.

34 - Quatro séculos de latifúndio

Alberto Passos Guimarães (1908-1993)
1ª Edição: 1963 / Edição atual: 6ª, Paz e Terra, 1989

Alberto Passos Guimarães, comerciante, ensaísta e pesquisador alagoano, radicado no Rio de Janeiro desde o final do Estado Novo, atuou como militante do PCB, desde 1932, principalmente na imprensa do Partido, nos jornais *Imprensa Popular*, *Paratodos* (dirigido por Jorge Amado e Oscar Niemeyer) e, como Diretor do jornal *Hoje*. Trabalhou no IBGE e na Rede Ferroviária Federal. A convite de Antônio Huais, participou da redação da Enciclopédia Mirador. *Quatro séculos de latifúndio*, considerado uma das primeiras monografias agraristas importantes, teve um papel relevante nas discussões sobre a questão agrária no início dos anos 60, contribuindo significativamente para a constituição do modelo de interpretação do Brasil contemporâneo pela esquerda brasileira.

"Alberto Passos Guimarães se coloca, como estudioso do processo considerado no seu livro, sob três perspectivas concomitantes: primeiro analisa e compreende nossos quatro séculos de latifúndio como luta de classes pobres pela conquista da terra (ou luta das classes ricas pela detenção continuada da terra) (...) segundo, analisa nossos quatro séculos de latifúndio como processo histórico em que emerge o latifúndio, em que este atinge seu apogeu e, quando principia a declinar como meio eficaz inserido no modo de produção (...) terceiro, analisa, nos nossos quatro séculos de latifúndio, a estrutura social que tem permitido ao latifúndio subsistir como tal". (Antonio Houaiss)

Inflação e monopólio no Brasil: por que sobem os preços? (1962);
A Crise Agrária (1978);
As classes perigosas: banditismo rural e urbano (1982).

35 - A Integração do Negro na Sociedade de Classes

Florestan Fernandes (1920-1995)
1ª Edição: 1964 / Edição atual: 3ª, Ática, 1978


Eder Luiz Medeiros/Folha Imagem

Sociólogo e político brasileiro, formado pela Universidade de São Paulo. Florestan Fernandes é considerado fundador da sociologia crítica no Brasil. Exilado em conseqüência do golpe militar de 1964, foi professor nas Universidades canadenses e norte-americanas. Retornando ao Brasil, em 1977, leciona na PUC de São Paulo e volta a ser professor da USP. Nos seus estudos das sociedades indígenas, das relações raciais, da educação, da revolução burguesa e dos processos revolucionários na América Latina, procura conciliar a dialética marxista com os métodos funcionalista e weberiano. Eleito Deputado Federal Constituinte pelo Partido dos Trabalhadores (1987-1990), destacou-se na defesa da Escola Pública e na elaboração do projeto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

"A abolição da escravidão teve, entre nós, apenas significação legal. O mundo dos brancos perpetuou-se como realidade contrastante com o mundo dos negros. Este continuou a existir à margem da história, sofrendo a degradação crescente da condição de espoliado. (...) O livro de Florestan Fernandes nos ensina que o preço pago pela liberdade outorgada traz o travo amargo da renúncia. A luta da população de cor para atingir uma nova etapa nos ajustamentos inter-raciais foi terrível e dramática. (...) A contribuição deste livro é marcante em três direções principais. Primeiro, nele se encontra a elaboração interpretativa das constelações histórico-sociais sucessivas mas interdependentes que evidenciam como um povo emerge na história. (...) Segundo (...) ele representa a mais audaciosa e bem sucedida realização da sociologia brasileira no plano da interpretação dos nossos dilemas sociais. Terceiro (...) ele integra, de forma original, a perspectiva que apreende as uniformidades de seqüência".

Organização social dos Tupinambá (1949);
A função social da guerra na sociedade Tupinambá (1952).

36 - História do Positivismo no Brasil

Ivan Lins (1904-1975)
1ª Edição: 1964 / Edição atual: 2ª, Companhia Editorial Nacional, 1967

Folha Imagem



Ivan Monteiro de Barros Lins, jornalista, professor e ensaísta, foi adepto, estudioso e divulgador do Positivismo no Brasil. Formado em Medicina (1930), foi nomeado Secretário da Estação Experimental de Combustíveis e Minérios (1932). Lecionou História da Filosofia na Faculdade de Direito da Universidade do Brasil. Em 1942, foi nomeado pelo Presidente Getúlio Vargas, Ministro do Tribunal de Contas da União, tornando-se, em seguida, o seu vice-presidente e Presidente. Em 1958 foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras. Colaborou em vários jornais e pronunciou inúmeras conferências, difundindo, entre outros, as idéias do Positivismo, que para ele era, sobretudo, um método de sistematização de conhecimento científico, filosófico e social, fornecendo base para uma moral científica.

"Pretendendo este ensaio fazer o levantamento, até aqui em grande parte ignorado, do que haja sido, entre nós, a penetração do Positivismo. (...) Já chegou o momento de se considerar a influência do Positivismo no Brasil como um fato social e ser encarado e investigado com o critério histórico idealizado por Tácito – sem ódio, nem amor – isto é, sem ranger de dentes e sem ditirambos apologéticos. Sendo o fito deste ensaio "documentar com fatos", tão objetivamente quanto possível, o que haja sido a difusão do Positivismo no Brasil". (Ivan Lins)

Lope da Vega, (1935);
Católicos e Positivistas, (1937);
Tomás Morus e a Utopia, (1938);
Um Aspecto Inédito na Obra de Martins Fontes, (1938).

37 - Geopolítica do Brasil

Golbery do Couto e Silva (1911-1987)
1ª Edição: 1967 / Edição atual: 2ª, José Olympio, 1981

Folha Imagem



Golbery do Couto e Silva, militar e político brasileiro, durante a II Guerra Mundial pertenceu a Força Expedicionária Brasileira e combateu na Itália. Em 1952 passou a integrar a Escola Superior de Guerra, elaborando a doutrina de segurança nacional, que serviu de base ideológica à tomada de poder pelos militares em 1964. Dirigente do Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES) e, depois do Serviço Nacional de Informações (SNI), o General Couto e Silva foi um dos principais articuladores do golpe militar de 1964 e, posteriormente, da política de distensão do Presidente Ernesto Geisel, em cujo governo tornou-se chefe da Casa Civil da Presidência da República. Em 1979, no Governo de Figueiredo, articulou a extinção do bipartidarismo e propôs uma abertura que garantisse uma transição conservadora para a democracia.

"O General Golbery, nesta obra, apresenta-nos uma geopolítica madura, e aproxima o tema não sob o foco do determinismo rígido, mas antes do condicionamento que aconselha a política. (...) É uma geopolítica nacional. (...) constitui um exame válido da situação, destinado a guiar racionalmente o comportamento internacional do Brasil e sua política externa. *Geopolítica do Brasil* é o trabalho de um homem experimentado, de pensamento e ação. Interessa a todos que cogitam do país, dos estadistas aos estudantes, e marcará época entre os documentos brasileiros". (Heitor Ferreira)

Tiro de morteiro (1939);
Planejamento Estratégico (1955).

38 - Brasil de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930- 1964)

Thomas E. Skidmore (n. 1932)
1ª Edição: 1969 / Edição atual: 14ª, Paz e Terra, 2007


Marcos Finotti/Folha Imagem

Thomas Elliot Skidmore, formado em Filosofia, Ciência Política e Economia pela Universidade de Oxford, Doutor em História Européia Moderna pela Universidade de Harvard, é um historiador norte-americano, especializado em temas brasileiros e latino-americanos. Foi diretor de Centros de Estudos Latino-Americanos da Universidade Brown, presidente de The Latin American Studies Association e New England Council of Latin American Studies. Os seus livros sobre a Era Vargas e o período militar, sobre raça e nacionalidade no pensamento brasileiro, são referência na bibliografia brasileira e internacional, como *Politics in Brazil 1930-1964: An Experiment in Democracy* (1967) e *Black into White: Race and Nationality in Brazilian Though* (1974), entre outros.

"*Brasil: de Getúlio a Castelo* é, de fato, o mais completo panorama da chamada Era de Vargas aos dias em que vivemos; panorama que se impõe não apenas pela riqueza documental, como pela lucidez com que foi levantado, palmo a palmo, com minúcias que valorizam a grandiosidade do mural, vivo e colorido. (...) *The Economist*, de Londres, considerou o trabalho de Skidmore como a mais importante contribuição de autor estrangeiro para o conhecimento da problemática brasileira, sem a qual seria impossível avaliar com segurança tanto o papel da elite política, como dos economistas e militares, muito menos descer às raízes da instabilidade que é, na verdade, a principal característica da época vista em seu conjunto".

Brasil: de Getúlio a Castelo, 1930-1964 (1975);
Preto no Branco: Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro (1976);
Television, Politics and the Transition to Democracy in Latin America (1993);
O Brasil Visto de Fora (1994);
Brazil: Five Centuries of Change (1999);
Uma História do Brasil (2000).

39 - Brasil: de Castelo a Tancredo 1964 -1985

Thomas Skidmore (n. 1932)
Edição atual: Paz e Terra, 1988


Marcos Finotti/Folha Imagem

Thomas Elliot Skidmore, formado em Filosofia, Ciência Política e Economia pela Universidade de Oxford, Doutor em História Européia Moderna pela Universidade de Harvard, é um historiador norte-americano, especializado em temas brasileiros e latino-americanos. Foi diretor de Centros de Estudos Latino-Americanos da Universidade Brown, presidente de The Latin American Studies Association e New England Council of Latin American Studies. Os seus livros sobre a Era Vargas e o período militar, sobre raça e nacionalidade no pensamento brasileiro, são referência na bibliografia brasileira e internacional, como *Politics in Brazil 1930-1964: An Experiment in Democracy* (1967) e *Black into White: Race and Nationality in Brazilian Though* (1974), entre outros.

"Thomas Skidmore nos apresenta neste livro (Brasil: de Castelo a Tancredo 1964 – 1985) um relato muito mais completo do que o esperado de um brasilianista e historiador. Trata-se de uma obra de cientista político sensível que situa o caso brasileiro numa perspectiva comparada internacionalmente. O caso do autoritarismo e os rumos da transição democrática ganham, assim, novos e originais enfoques. Resultado de uma delicada pesquisa desenvolvida por um dos mais fios observadores da história e da política do Brasil pós-1930, Brasil: de Castelo a Tancredo constitui-se, portanto, numa importante ferramenta para a compreensão do regime autoritário, das Forças Armadas, da abertura política e, o que mais importa, dos cenários futuros". (Mário Salviano Silva)

Brasil: de Getúlio a Castelo, 1930-1964 (1975);
Preto no Branco: Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro (1976);
Television, Politics and the Transition to Democracy in Latin America (1993);
O Brasil Visto de Fora (1994);
Brazil: Five Centuries of Change (1999);
Uma História do Brasil (2000).

40 - Pedagogia do Oprimido

Paulo Freire (1921-1997)
1ª Edição: 1970 / Edição atual: 20ª, Paz e Terra, 1987

Bel Pedrosa/Folha Imagem



Considerado um dos maiores educadores e pensadores na história da pedagogia mundial do século XX, Paulo Reglus Neves Freire cursou Direito e Filosofia da Linguagem na Universidade de Recife. Como Diretor de Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife, aplicou, na cidade de Angicos (RN), em 1962, um plano piloto de alfabetização. O seu método, que recorre a uma conscientização política e utiliza textos com temas da vida cotidiana dos alfabetizados, foi oficializado pelo Governo Goulart. Exilado em conseqüência do golpe militar de 1964, vive exilado no Chile e realiza cursos nos Estados Unidos e na Europa. Atua como consultor em reforma educacional na Guiné-Bissau e Moçambique. Retornando ao Brasil, em 1980, ingressa na Unicamp, filia-se ao Partido dos Trabalhadores e, em 1989 assume o cargo de Secretário de Educação da Prefeitura de São Paulo.

"Paulo Freire é um pensador comprometido com a vida: não pensa idéias, pensa a existência. É também um educador: existencia seu pensamento numa pedagogia em que o esforço totalizador da praxis humana busca, na interioridade desta, retotalizar-se com "prática da liberdade" (Ernani Maria Fion)

Educação e atualidade brasileira (1959);
Educação como prática da liberdade (1967);
Cartas à Guiné-Bissau. Registro de uma experiência em processo (1977);
Educação e mudança (1981).

41 - Dependência e Desenvolvimento na América Latina – ensaio de interpretação sociológica

Fernando Henrique Cardoso (n. 1931) e Enzo Faletto (1935-2003)
1ª Edição: 1969 / Edição atual: 8ª, Civilização Brasileira, 2004


Fernando Henrique Cardoso/Folha Imagem

Fernando Henrique Cardoso formou-se em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Professor de História Econômica da mesma universidade, durante o regime militar foi exilado e viveu na Argentina, no Chile, na França, na Inglaterra e nos Estados Unidos, lecionando na universidades desses países. Foi co-fundador do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), Ministro das Relações Exteriores no Governo Itamar Franco e Presidente do Brasil por dois mandatos, de 1995 a 2003. Ex-professor catedrático de Ciência Política e professor emérito da USP, em 2003 ocupou a cátedra Cultures of the South, na Biblioteca do Congresso, em Washington, e iniciou um período docente na Universidade de Brown. Foi presidente do Clube de Madrid. Publicou, entre outros, *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional* (1962), *Política e desenvolvimento em sociedades dependentes* (1971), *Autoritarismo e democratização* (1975) e *A construção da democracia* (1993) e *O presidente segundo o sociólogo* (1998).

"(...) propusemos neste livro um esquema de interpretação com ênfase na dinâmica política entre as classes e grupos sociais no interior de cada país. Também demos um papel mais relevante às opções ideológicas que o movimento da história abria em cada situação específica. Ao mesmo tempo, insistimos nas variações, no modo de relacionamento das economias dos países periféricos com as economias desenvolvidas. (...) ele oferece uma visão sintética de uma região diversificada, mas com pontos de identidade entre os vários países. (...) Inova, e digo isso o tendo relido agora, quarenta anos depois de sua escrita, porque quebra o simplismo de considerar todas as situações de dependência iguais e submetidas à "lógica do capital" e porque, ao descrever o que chamamos de "a nova dependência", fez uma das primeiras caracterizações do que se designa hoje "globalização". (Fernando Henrique Cardoso)

42 - Cinema: Trajetória no Subdesenvolvimento

Paulo Emílio Sales Gomes (1916-1977)
1ª Edição: 1980 / Edição atual: Paz e Terra, 1997



Paulo Emílio Sales Gomes, Crítico e Historiador de cinema brasileiro, militante comunista na juventude, estreou na vida literária ao organizar, com apoio de Oswald de Andrade, a revista *Movimento* (1935). Cursou Filosofia na Universidade de São Paulo, onde fundou o primeiro Clube de Cinema. Em 1946 ganha a bolsa do govenro francês e vive dez anos na Europa estudando cinema. Organizou e dirigiu a Filmoteca do Museu de Arte Moderna de São Paulo, transformada em Cinemateca Brasileira, em 1956. Foi defensor do cinema brasileiro e animador do Cinema Novo. Em 1964 organizou, na Universidade de Brasília, o primeiro curso superior de cinema. Em consequência da repressão imposta pelo golpe militar, retorna a São Paulo, onde desde 1968 foi professor de História do Cinema e de Cinema Brasileiro na Escola de Comunicações e Artes da USP.

"Os estudos deste livro mostram até que ponto o seu pensamento era original e penetrante. (...) A publicação geral dos seus escritos, na maioria dispersos, vai mostrar que ele foi um dos nossos ensaístas mais coerentes e profundos. Vai mostrar como disse coisas de tal modo indispensáveis que, não o ler, é ficar privado de uma experiência intelectual importante para esclarecer problemas da cultura brasileira. Porque, falando quase sempre de cinema, por meio dele, Paulo Emílio fala da arte, da sociedade, do homem – sobretudo do Brasil". (Antônio Cândido)

Jean Vigo (1968);
70 Anos de Cinema Brasileiro, em co-autoria com Ademar Gonzaga, (1966);
Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte (1974);
Paulo Emílio: Crítica de Cinema no Suplemento Literário (1982);
Três mulheres de três PPPês (1977).

43 - Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)

Carlos Guilherme Mota (n. 1941)
1ª Edição: 1977 / Edição atual: 8ª, Ática, 1994


Alexandre Tolstaka/Folha Imagem

Carlos Santos Serôa da Mota, Doutor em História Moderna e Contemporânea pela Universidade de São Paulo (1970), é professor titular na Universidade Presbiteriana Mackenzie, na Universidade de São Paulo e na Fundação Getúlio Vargas. Foi professor visitante das Universidades de Londres, Texas e na Escola de Altos Estudos de Paris. Foi Diretor do Arquivo do Estado de São Paulo e um dos fundadores do Memorial da América Latina. É membro do Conselho Editorial da Revista *Minius* (Universidade de Vigo) e da *Revista Estudos Avançados* (USP). Atua nas áreas da História da Cultura e das Ideologias.

"Balanço dos balanços que alguns dos nossos intelectuais fizeram ou estão fazendo do Brasil: este me parece o objetivo primeiro do ensaio de Carlos Guilherme Mota. (...) A sua questão candente, que atravessa o livro de ponta a ponta é: o que tem significado a expressão cultura brasileira tão empregada por aqueles intelectuais nos últimos quarenta anos? Mas o interesse maior do autor, diria mesmo a sua paixão, é medir a profundidade das raízes ideológicas que se escondem sob as várias definições de cultura brasileira ou de "consciência nacional" que sustem os ideários de tantos homens de pensamento dentro ou fora da nossa Universidade". (Alfredo Bossi)

Atitudes da inovação no Brasil (1970);
Nordeste, 1817: Estrutura e Argumentos (1972);
Lucien Febvre: História (1978);
A Revolução Francesa (1989);
Terceira viagem de Colombo: o encontro com a terra (1992);
Juristas na formação do estado-nação brasileiro. Do século XVI a 1850 (2006).

44 - Desenvolvimento Político

Hélio Jaguaribe (n. 1923)
1ª Edição: Perspectiva, 1975


Tuca Vieira/Folha Imagem

Hélio Jaguaribe Gomes de Mattos, Sociólogo, Cientista Político e escritor brasileiro, Doutor em Ciências Políticas pela Universidade de Mainz (1963). Fundador do Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política (Ibesp), juntamente com outros intelectuais progressistas. Depois do golpe militar foi morar nos Estados Unidos, lecionando nas Universidades de Harvard (1964-1966), de Stanford (1966-1967) e do Instituto Tecnológico de Massachusetts (MIT, 1968-1969). Depois de 1985 coordenou o projeto Brasil 2000, por encomenda do Presidente José Sarney. Foi Secretário da Ciência e Tecnologia (1992). Em 2005 foi eleito para Academia Brasileira de Letras.

"Trata-se de uma tentativa de levantar o presente estado da Ciência Política em relação aos grandes temas correspondentes a cada uma das três partes do livro e, a partir desse patamar, construir fundamentalmente uma explicação abrangente desses temas e, com base nela, elaborar modelos operacionais suscetíveis, em determinadas condições, de promover o desenvolvimento político e global de uma determinada sociedade. As construções e teorias produzidas nas duas primeiras partes do livro são aplicadas, na terceira, para a análise do caso latino-americano. Esse livro constitui, no conjunto dos meus trabalhos, o mais importante intento de uma teoria geral da sociedade e dos processos de seu desenvolvimento político e global. "Political Development" é de certa forma um grande diálogo com Parsons e Marx, conduzindo a um funcionalismo dialético". (Hélio Jaguaribe)

Political and economic Development (1958);
Brasil: crise e alternativas (1974);
Introdução ao desenvolvimento social (1979).

45 - O Escravismo Colonial

Jacob Gorender (n. 1923)
1ª Edição: Ática, 1978


Flávio Florido/Folha Imagem

Jacob Gorender, jornalista e historiador, lutou na II Guerra Mundial como integrante da Força Expedicionária, na Itália. Cursou na escola superior de formação de quadros do Partido Comunista na União Soviética (1955-1957). Foi dirigente do Partido Comunista Brasileiro (PCB), do qual saiu em 1967, para participar da fundação do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR). Nos tempos da ditadura militar foi preso e torturado. Historiador marxista, promoveu uma profunda reavaliação da História do Brasil, mostrando que os primeiros quatro séculos foram dominados pelo modo de produção escravista. Publicou também estudos sobre relações de produção na agricultura, formação da burguesia brasileira, transição do escravismo para o capitalismo, e um estudo crítico da resistência armada à ditadura militar.

"Já é grande a bibliografia sobre a escravidão. (...) Ultrapassa-se o estudo das leis abolicionistas – tônica antes dominante – ou das marcas do africano em nossa cultura, ou mesmo de alguns traços vistos como exotismo e folclore – como dizia Sérgio Buarque de Holanda, via-se o negro como espetáculo –, para chegar a análises vigorosas de vários autores, entre os quais avultam Florestan Fernandes e, sobretudo, pela abrangência da análise, Jacob Gorender, com *O Escravismo Colonial*, de 1978, em um dos livros mais consistentes da historiografia nativa". (Francisco Iglésias)

A Burguesia Brasileira (1981);
Gênese e desenvolvimento do capitalismo no campo brasileiro (1987);
A escravidão reabilitada (1990);
O fim da URSS (1992);
Marcino e Liberatore – diálogos sobre marxismo, social-democracia e liberalismo (1992);
Marxismo sem Utopia (1999).

46 - Combate nas Trevas. A Esquerda Brasileira: das ilusões à luta armada

Jacob Gorender (n. 1923)
1ª Edição: 1987 / 6ª, Ática, 1999


Flávio Florido/Folha Imagem

Jacob Gorender, jornalista e historiador, lutou na II Guerra Mundial como integrante da Força Expedicionária, na Itália. Cursou na escola superior de formação de quadros do Partido Comunista na União Soviética (1955-1957). Foi dirigente do Partido Comunista Brasileiro (PCB), do qual saiu em 1967, para participar da fundação do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR). Nos tempos da ditadura militar foi preso e torturado. Historiador marxista, promoveu uma profunda reavaliação da História do Brasil, mostrando que os primeiros quatro séculos foram dominados pelo modo de produção escravista.

"A história da esquerda brasileira está cercada para as jovens gerações de mistério e fascínio. Mistério, porque aparece quase sempre fragmentada nas versões da direita, nos comentários apaixonados de velhos militantes ou em referências enigmáticas feitas no curso das lutas políticas de hoje. Assim, é freqüente que os jovens militantes do movimento sindical ou de outros movimentos interpelem seus companheiros mais velhos para perguntar-lhes o que significa tal ou qual sigla, o que ocorreu exatamente em tal momento de nossa história ou qual é o conteúdo político do maoísmo, do trotskismo, do guevarismo etc. Como esta história é apreendida em pedaços, como se tratasse de um vasto quebra-cabeças, e como muitas vezes ela é invocada para apoiar ou negar posições políticas, é normal que provoque fascínio e estimule a curiosidade de muitos".
(Marco Aurélio Garcia)

A Burguesia Brasileira (1981);
Gênese e desenvolvimento do capitalismo no campo brasileiro (1987);
A escravidão reabilitada (1990);
O fim da URSS (1992).

47 - Carnavais, Malandros e Heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro

Roberto DaMatta (n. 1936)
1ª Edição; 1979 / Edição atual; 6ª, Rocco, 1997


Eduardo Knapp/Folha Imagem

Roberto Augusto DaMatta, Doutor em Antropologia pela Universidade de Harvard, foi Chefe do Departamento de Antropologia do Museu Nacional e Coordenador do seu Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (1972-1976). Foi professor visitante de Universidades de Cambridge, de Visconsin e de California. É Professor Emérito da Universidade de Notre Dame, USA. Atualmente é professor associado da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Realizou pesquisas etnológicas entre os índios Gaviões e Apinayé, bem como importantes estudos sobre o Brasil como sociedade e sistema cultural por meio de carnaval, do futebol, da comida, da música, da mulher, da morte, do jogo do bicho e das categorias de tempo e espaço.

"Hoje conhecemos o Brasil mais profundamente do que ontem, graças ao esplêndido *Carnavais, Malandros e Heróis* do antropólogo Roberto DaMatta. O tema central do livro é o dilema entre os aspectos extremamente autoritários, hierarquizados e violentos da sociedade brasileira e a busca de um mundo harmônico, democrático e não conflitivo nesta mesma sociedade. DaMatta nos permite entender melhor e de maneira mais sistemática uma série de aspectos reiterativos de nossa vida social, muitos dos quais concebidos de maneira difusa, mas difíceis de apreender de maneira coerente". (Simon Schwartzman)

Índios e castanheiros (1967);
Um mundo dividido: a estrutura social dos Índios Apinayé (1967);
Ensaios de Antropologia Estrutural (1973);
Relativizando uma Introdução à Antropologia Social (1981).

48 - Quinze Anos de Política Econômica

Carlos Lessa (n. 1936)
1ª Edição: 1982 / Edição atual: 4ª, Brasiliense, 1983


Alan Marques/Folha Imagem

Carlos Francisco Theodoro Machado Ribeiro de Lessa é economista, formado pela Universidade do Brasil e Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Estadual de Campinas (1980). Foi professor na Fundação Getúlio Vargas, Universidade Estadual de Campinas, Centro Econômico para América Latina (Cepal) da ONU, Instituto do Rio Branco e professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Lecionou também nas Universidades de Chile, Venezuela, México, Espanha, no Instituto para Integração da América Latina, em Buenos Aires, e no Centro Inter-Americano de Capacitação em Administração Pública, em Buenos Aires e Caracas (1966-1969). Atuou como Assessor do Presidente do PMDB, Ulisses Guimarães, e dirigiu o Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

"*Quinze Anos de Política Econômica* é um clássico da literatura econômica brasileira. Todos que pretendem entender a evolução econômica, social e política do Brasil do pós-guerra devem percorrer suas páginas. (...) Quinze Anos é um clássico de um período clássico. Nestes anos foram travadas as batalhas decisivas pela consolidação do processo de industrialização. Juscelino ganhou as batalhas que Getúlio concebeu. O "desenvolvimentismo" como projeto de um capitalismo nacional cumpriu seu destino através do Plano de Metas. (...) A grande virtude do texto de Carlos Lessa é o de estar impregnado desta atmosfera, sem que isso coloque em risco seu rigor analítico". (Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo)

Desenvolvimento capitalista no Brasil (1984);
A estratégia do desenvolvimento 1974-1978: sonho e fracasso (1998).

49 - O Negócio do Brasil - Portugal, os Países Baixos e o Nordeste 1641-1669

Evaldo Cabral de Mello (n. 1936)
1ª Edição: Topbooks, 1998


Patrícia Santos/Folha Imagem

Nascido no Recife, Evaldo Cabral de Mello, após estudos de Filosofia da História em Madrid e Londres, ingressou no Rio Branco e seguiu carreira diplomática. Representou o Brasil nos Estados Unidos, Espanha, França, Suíça, Portugal e Trinidad-Tobago, onde serviu como Embaixador. Doutor em História por notório saber pela Universidade de São Paulo (1992) é considerado um dos maiores especialistas da história nordestina, em especial do ciclo da cana-de-açúcar. Autor de obras clássicas sobre a dominação holandesa no Brasil, notabilizou-se pela interpretação inovadora da história colonial de Pernambuco e de tradição regionalista.

"*O Negócio do Brasil* (...) é uma jóia de sabedoria. Além de narrar as negociações em todas as etapas, Evaldo ainda ajuda a explicar por que o Brasil se tornou o que é, com o tamanho que tem, com a cultura e o povo que possui. Como acontece com as grandes obras históricas, o livro promove um retorno aos acontecimentos, num encantamento que permite ao leitor de hoje enxergar o mundo com os olhos do século XVII. (...) Com uma erudição que flui, sem pedantismo, Evaldo localiza fios que mostram que o Brasil holandês foi bem mais do que um episódio pitoresco numa colônia remota. (...) Com seis livros publicados, Evaldo Cabral de Mello é, possivelmente, nosso maior historiador vivo e, com certeza, o mais produtivo". (Paulo Moreira Leite)

Olinda Restaurada: Guerra e Açúcar no Nordeste, 1630-1654 (1975);
O Norte agrário e o Império, 1871-1889 (1984);
Rubro veio: o imaginário da restauração pernambucana (1986);
O nome e o sangue: uma parábola familiar no Pernambuco colonial (1989).

50 - O Povo Brasileiro – a formação e o sentido do Brasil

Darcy Ribeiro (1922-1997)
1ª Edição: Companhia das Letras, 1995 / Edição atual: 4ª, Brasiliense, 1983


Janete Longo/Folha Imagem

Antropólogo, professor, ensaísta, romancista e político, Darcy Ribeiro formou-se em Antropologia pela Escola de Sociologia e Política em São Paulo. Criou o Museu do Índio e colaborou na criação do Parque Indígena do Xingu. Escreveu uma vasta obra etnográfica e de defesa da causa indígena. Foi um dos fundadores e o primeiro Reitor da Universidade de Brasília, Ministro de Educação e chefe da Casa Civil do Governo João Goulart. Exilado após o golpe militar viveu em vários países da América Latina conduzindo programas de reforma universitária. Em 1976, retornou ao Brasil e voltou a dedicar-se a educação, a pesquisa e a política. Ligado ao Partido Democrático Trabalhista (PDT), foi eleito Vice-Governador do Estado do Rio de Janeiro (1982) e Senador (1990).

"Este livro [*O Povo Brasileiro*] é um esforço para contribuir ao atendimento desse reclamo de lucidez. Isso é o que tentei fazer a seguir. Primeiro, pela análise do processo de gestação étnica que deu nascimento aos núcleos originais que, multiplicados, vieram a formar o povo brasileiro. Depois, pelo estudo das linhas de diversificação que plasmaram os nossos modos regionais de ser. E, finalmente, por via da crítica do sistema institucional, notadamente a propriedade fundiária e o regime de trabalho – no âmbito do qual o povo brasileiro surgiu e cresceu, constrangido e deformado." (Darcy Ribeiro)

O processo civilizatório: etapas da evolução sócio-cultural (1968);
Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno (1970).

51 - A Construção da ordem: a elite política imperial (1980)

Teatro de sombras: a política imperial (1988)
José Murilo de Carvalho (n. 1939)
1ª Edição em um só volume: Editora da UFRJ/Relume Dumará, 1996 / Última edição: Civilização Brasileira, 2007



José Murilo de Carvalho, Doutor em Ciência Política pela Stanford University (1975), foi professor da Universidade Federal de Minas Gerais, do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, e professor visitante das Universidades de Stanford, California-Irvine, Notre Dame (Estados Unidos), Leiden (Holanda), London, Oxford (Inglaterra) e na École des Hautes Études en Sciences Sociales (França). Foi pesquisador da Casa de Rui Barbosa e do Institut for Advanced Study de Princeton. Atualmente é professor titular de História do Brasil da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É membro da Academia Brasileira de Ciências e da Academia Brasileira de Letras. A sua produção científica concentra-se na história do Brasil Império e Primeira República, com ênfase nos temas da cidadania, republicanismo e história intelectual.

"Faz uma análise do perfil das elites políticas brasileiras no século XIX, de sua composição e da relação que elas mantiveram com os partidos políticos imperiais. Analisa os vários cenários em que a ação se desenrola, as províncias e a Corte, os espaços da política formal e aquele das representações simbólicas, o universo das instituições e o das "questiones disputae" relativas ao trabalho escravo e à política de terras. Ao mesmo tempo, delineia uma particular interpretação da construção da ordem escravista e da unidade no Império". (Fundação Joaquim Nabuco)

Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi (1987);
A formação das almas. O imaginário da República (1990);
A construção da ordem/teatro de sombras (1996).

52 – O ex-Leviatã brasileiro: do voto disperso ao clientelismo concentrado

Wanderley Guilherme dos Santos (n. 1958)
1ª Edição: Civilização Brasileira, 2006


Cléo Velleda/Folha Imagem

Wanderley Guilherme dos Santos, formado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1958), é Doutor em Ciência Política pela Stanford University (1969). Foi professor da Universidade Federal Fluminense, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, do Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro, e professor visitante da Stanford University e da University of Wisconsin-Madison. Atualmente é professor pesquisador da Universidade Cândido Mendes.

"O filósofo, professor e cientista político Wanderley Guilherme dos Santos suplanta os limites anedóticos e cacoetes eleitoreiros da discussão e oferece, de forma inédita e objetiva, informações coligidas e sistematizadas sobre a evolução do Estado brasileiro. Com rigor científico, traça um retrato numérico do Brasil burocrático contemporâneo e revela sua importância no desenvolvimento econômico e social do país. Descreve como surgem e se desenvolvem a intervenção regulatória estatal e as organizações a ela associadas e como se relacionam as esferas pública e privada. Corroborado por extensa pesquisa, o autor realiza uma comparação com outros Estados, na qual o brasileiro não apenas é menor em números relativos e absolutos do que grande parte deles, como também revela uma rara eficiência em suas atividades. O minucioso trabalho de pesquisa e de reflexão mostra que, ao longo da história mundial e brasileira, a presença do Estado não costuma ser apenas benéfica, mas decisiva para a riqueza das nações". (Civilização Brasileira)

Quem dará o golpe no Brasil? (1962);
Paradoxos do Liberalismo: Teoria e História (1988);
Discurso sobre o objeto: uma poética do social (1990);
Razões da desordem (1994);
Governabilidade e democracia natural (2007);
Acervo de Maldizer (2008).